

Dono de sucessos,
Altay Veloso toca
no Blue Note Rio



PÁGINA 3

O poder de Juliette
Binoche no
Festival de Cannes



PÁGINA 5

Gregório Duvivier
leva seu amor à
língua aos palcos



PÁGINA 7

2º CADERNO

Junior Lago/Folhapress



Preparação no camarim do cantor e compositor Riachão antes de apresentação em São Paulo, em 2014

O samba da Bahia tem nome: Riachão

Mestre do samba do Recôncavo Baiano é celebrado em disco póstumo que apresenta dez canções inéditas

Por **Thales Menezes** (Folhapress)

Quando se fala em música da Bahia, há uma lista óbvia que vem à cabeça: Dorival Caymmi, João Gilberto, Caetano Veloso, Gilberto Gil...

Mas quem tem afinidade com sons produzidos no Recôncavo não vai deixar de incluir Riachão, um mestre do samba. E o primeiro grande lançamento fonográfico 2025 vai ajudar para que ele seja conhecido por novas gerações.

“Onde Eu Cheguei, Está Chegado” é apenas o quinto disco em sua carreira. Seu

lançamento, com convidados, pode parecer uma homenagem póstuma. Riachão morreu em 30 de março de 2020, aos 98 anos, quatro meses depois de o álbum ser selecionado no edital da Natura Musical.

Os produtores Paulinho Timor e Caê Rolfsen preservaram as dez canções inéditas programadas para entrar no disco, todas de autoria de Riachão. A única mudança em relação ao que o compositor desejava foi no título do disco. Não foi possível continuar com a ideia inicial: “Se Deus Quiser Eu Vou Chegar aos 100”. A opção final é originalmente um verso de sua música “Camisa Molhada”, gravada nos anos 1970.

Responsável pelo projeto, Joana Giron, da Giro Planejamento Cultural, lembra que Riachão voltou a compor depois de parar por alguns anos. “Quando ele morreu, estava extremamente animado com o projeto, e o disco estava em processo de escolha de repertório. A readequação de tudo não foi simples, mas, quase cinco anos depois, acreditamos estar prestando a homenagem mais à altura de Riachão possível”, afirma.

Continua na página seguinte

Junior Lago/UOL/Folhapress)

CORREIO CULTURAL

Adrian Tejido/Divulgação



Indicações ao Oscar deram novo fôlego ao longa

‘Ainda Estou Aqui’ já é a 5ª maior bilheteria de um filme nacional

O longa “Ainda Estou Aqui”, que representa o Brasil no Oscar 2025, já é o quinto filme nacional com maior bilheteria na história. O filme de Walter Salles já arrecadou R\$ 85,41 milhões desde sua estreia nos cinemas em 7 de novembro. Impulsionado pelas três indicações ao Oscar, o filme retomou o topo das bilheterias do país e alancou seu faturamento.

Mais ranking

Na terceira posição aparece “Nada a Perder”, longa sobre a vida do bispo Edir Macedo, com renda de R\$ 120,2 milhões. “Os Dez Mandamentos - O Filme”, drama baseado na novela bíblica da Record, está no quarto lugar com R\$ 116,8 milhões.

Em alta

A revista americana Entertainment Weekly apontou Fernanda Torres como a próxima vencedora do Oscar de Melhor Atriz. Em lista de apostas para a premiação, repórteres dos EUA destacaram a performance da atriz em “Ainda Estou Aqui”.

vancou seu faturamento. Os dados são da Agência Nacional do Cinema (Ancine).

O primeiro e o segundo lugar são ocupados por “Minha Mãe É Uma Peça 3” e “Minha Mãe É Uma Peça 2”. Os longas da franquia estrelada por Paulo Gustavo arrecadaram R\$ 169,8 milhões e R\$ 124,6 milhões, respectivamente.

Mais ranking II

Outra novidade no ranking é “Auto da Compadecida 2”. A sequência do clássico estrelado por Selton Mello e Mathheus Nachtergaele estreou no final do ano passado, e já soma R\$ 76,1 milhões na bilheteria, que lhe rende o sétimo lugar.

Em alta II

Na matéria, o jornalista Joey Nolfi diz que a brasileira conquistou apoio significativo dentro da Academia. Este fator pode ser determinante na disputa contra Demi Moore, considerada a mais provável a levar o prêmio por sua atuação em “A Substância”.



Riachão aos 9 anos já cantava nas serenatas, nos aniversários ou nas batucadas com os amigos de bairro. Como compositor já foi gravado por grandes nomes da MPB

Uma obra com mais de **500 canções**

Cantor de samba de roda desde criança, Clementino Rodrigues, o Riachão, deixou mais de 500 canções, uma boa parte ainda aguardando quem possa gravá-las. Conhecer um pouco desse material não é difícil, já que ele teve seus sambas registrados nas vozes de nomes como Caetano, Gil, Beth Carvalho, Jackson do Pandeiro, Dona Ivone Lara, Zélia Duncan e até mesmo a roqueira Cássia Eller.

O produtor Paulinho Timor conta que eles tinham registros de Riachão cantando essas músicas, já visando a gravação do álbum. “A gente queria e felizmente conseguimos ter a voz imortal de Riachão, que é sempre o seu melhor intérprete”.

A escolha de convidados para duetos póstumos tem Criolo, Martinho da Vila, Josyara e Teresa Cristina, entre outros cantores e musicistas essenciais na cons-

trução de um samba baiano nas últimas décadas, como o guitarrista Roberto Barreto.

Riachão teve canções gravadas desde a década de 1950. Desde cedo elas despertavam interesse até em quem não era do samba.

Naquela época, ele chegou a ser gravado pela dupla sertaneja Tônico e Tinoco, então idolatrada em todo o país. Compositor intuitivo, com pouca ou quase nenhuma afinidade com instrumentos, ele podia fazer sambas, marchas, maxixes e até mesmo boleros.

O baiano gravou quatro álbuns até “Mundão de Ouro”, em 2013, além de ter participado de um disco dividido com outros dois nomes históricos da Boa Terra, Batatinha e Panela. O álbum se chama “Samba da Bahia” e foi lançado em 1981. Seu maior sucesso, regravação de dezenas de vezes, é “Cada Macaco no Seu Galho”.

Quem quiser procurar nas

plataformas as faixas de “Onde Eu Cheguei, Está Chegando” vai encontrar parcerias que trazem performances de cantores lado a lado com a voz-guia que Riachão tinha deixado gravada.

O time tem, entre outros, Criolo (“Saudade”), Martinho da Vila (“Sonho do Mar”), Teresa Cristina (“Uma Vez na Janela”), Pedro Miranda (“Sua Vaidade Vai Ter Fim”) e até o neto do compositor, Taian, na faixa “Tintin”.

Entre elas, se destaca de imediato “Oh, Lua”, com a também baiana Josyara fazendo voz e violão. Paulinho Timor comenta a faixa, um samba de roda com nova roupagem. “Uma cantora da nova safra baiana, Josyara, emprestando todo seu talento nos violões e a doçura de sua voz inconfundível. Traz mais uma vez as raízes do samba do Recôncavo Baiano, com a batucada da musicista Victória dos Santos nos atabaques. A força feminina fica bem representada.”

O lançamento do álbum acontece com a criação de um site, acolhendo um acervo de fotografias, reportagens, discos, fonogramas e documentos audiovisuais sobre a carreira do cantor. Lá também estão disponibilizados três minidocumentários dirigidos por Claudia Chávez.

Uma grife de sucessos

Altay Veloso apresenta sua rica obra autoral nesta quinta no Blue Note Rio

Por **Affonso Nunes**

Altay Veloso é um dos mais talentosos e versáteis nomes da nossa música. Cantor, compositor e multi-instrumentista, ele transita com maestria entre o samba, a MPB, o soul e até pela música erudita, criando obras de sofisticação melódica e lirismo. Nesta quinta-feira (6), às 20h, ele sobe ao palco do Blue Note Rio cantando grandes sucessos de sua carreira e canções da aclamada “O

Alabê de Jerusalém”, ópera criada por Altay e que estreou em 2008, no Theatro Municipal.

Nascido em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense, Altay iniciou sua trajetória artística na década de 1970, destacando-se como compositor de grandes sucessos gravados por nomes como Alcione (“Tenta” e “Marrom”) e Roberto Carlos (“De Igual para Igual”). Outra criação sua, “Além da Paixão”, recebeu registros fonográficos de intérpretes de peso como Nana Caymmi e Emílio San-

Um voo pelos ares criativos de Jonas Sá

Cantor, compositor e produtor passeia por sua obra em show nesta quinta no Manouche

Seis anos após o lançamento de “Puber”, seu terceiro e mais recente álbum de estúdio, Jonas Sá retorna aos palcos com “Ar”, seu primeiro show em anos. A apresentação do cantor, compositor e produtor musical será nesta quinta-feira (6) no palco do Manouche.

Diferente de um espetáculo concebido para divulgar um disco, “Ar” permite a Jonas exercer maior liberdade artística no palco. O repertório selecionado

pelo artista carioca transita por canções de sua trajetória, inéditas, versões e faixas gravadas por outros intérpretes, como “Casca”, gravada por Gal Costa em seu álbum “Estratosférica” (2015). Os arranjos também trazem novidade: uma fusão inventiva de programações, percussões, violões, sintetizadores, xilofones e loops.

Nesta estreia, Jonas sobe ao palco acompanhado de uma banda completa formada pelos



Divulgação

Altay Veloso já teve canções gravadas por Alcione, Roberto Carlos, nana Caymmi e Emílio Santiago, entre outros intérpretes

tiago. Sua música combina influências que vão da raiz afro-brasileira ao jazz, do bolero à ópera, sempre com uma assinatura inconfundível.

Além de seus trabalhos como cantor e compositor, Altay é também escritor e dramaturgo. A já citada “O Alabê de Jerusalém” é um épico musical que entrelaça culturas e espiritualidades. Em formato de ópera popular, a obra mistura música erudita, MPB e ritmos afro-brasileiros para contar a história fictícia de Ogundana, um africano que teria vivido em Jerusalém na época de Cristo, abordando temas como fé, sincretismo religioso e identidade.

Com uma carreira que ultrapassa cinco décadas, Altay Veloso segue sendo uma referência de elegância e excelência na música brasileira, um criador incansável de sucessos.

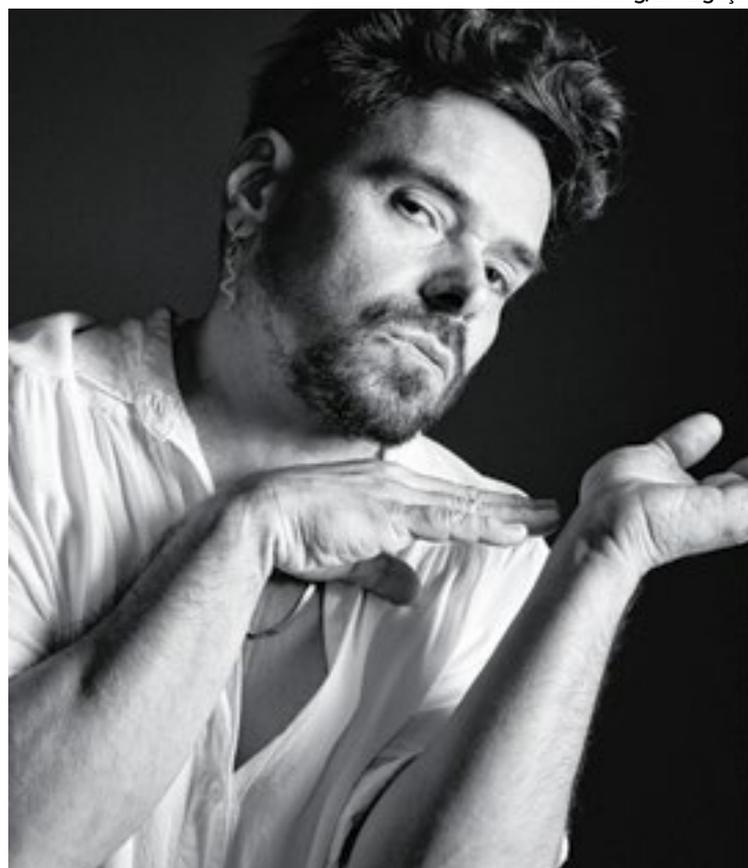
SERVIÇO

ALTAY VELOSO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copabana)

6/2, às 20h

Ingressos a partir de



Fernando Young/Divulgação

Jonas Sá explora novas sonoridades para suas canções de várias fases de sua carreira

músicos Domenico Lancellotti (bateria), Carol Maia (guitarra e teclados), Pedro Mibielli (viola) e Paulo Emmerly (baixo e sintetizadores). O grupo dá suporte a Jonas que canta, toca violão, synths e dispara batidas criadas em suas drum machines.

Mais que um retorno, “Ar” pavimentava o caminho para os próximos lançamentos de Jonas: o EP “Dançando Lambada com Van-Damme” e o álbum de inéditas “Mnstro”, ambos previstos para este ano. (A.N.)

SERVIÇO

JONAS SÁ - AR

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)

6/2, às 21h

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia e/ou ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro a ser doado para o Retiro dos Artistas)



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Tem mais dois dias de “Ainda Estou Aqui” na Holanda, nesta quinta e sexta (6 e 7), na grade da 54ª edição do Festival de Roterdã que segue até domingo, abrindo o circuito das mostras competitivas da Europa, com direito a candidatas ao Oscar em suas mostras paralelas, como a versão de Walter Salles para a luta da ativista Eunice Paiva (1929-2018) contra a ditadura.

Violências de estado se fazem notar no mais prestigiado evento audiovisual dos Países Baixos também por latitudes iranianas, com a exibição - nesta quinta - de “A Semente do Fruto Sagrado” (“The Seed Of The Sacred Fig”). Tá aí o maior rival de Waltinho na corrida pela estatuetta hollywoodiana. Embora se ambiente no Irã e seja falado em persa, com atores e equipe de Teerã, a produção disputa o prêmio de Melhor Filme Internacional da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood representando a Alemanha. O motivo? Condenado pelas autoridades de sua pátria, que o consideram um inimigo do povo, seu realizador, Mohammad Rasoulof, encontrou refúgio em terras germânicas. Lá ele se resguarda das violências de sua nação.

“Vive-se uma rotina permanente de controle pelo medo no Irã”, disse o cineasta Mohammad Rasoulof, em entrevista organizada pela Golden Globe Foundation, que incluiu “A Semente do Fruto Sagrado” entre seus concorrentes à láurea de Melhor Filme de Língua Não Inglesa.

Em cartaz no Brasil, esse misto de drama e thriller de Rasoulof já soma 29 prêmios desde sua primeira projeção pública, no Festival de Cannes, em maio, e faturou cerca de US\$ 5 milhões (cifras baixas) em sua carreira comercial. Esse es-



‘A Semente do Fruto Sagrado’ expõe a repressão do estado iraniano sobre as mulheres

O Irã ainda está aqui

Maior rival de Walter Salles na corrida pelo Oscar de Filme Internacional, ‘A Semente do Fruto Sagrado’ pede passagem pelo Festival de Roterdã

tudo sobre a metástase do fundamentalismo saiu da Croisette com o Prêmio Especial do Júri, o Prêmio do Júri Ecumênico e o Prêmio da Crítica. Passa em Roterdã numa seção não competitiva, mas vai somar por lá um novo séquito de fãs para as destrezas narrativas de Rasoulof. Em seu enredo, um juiz entra em paranoia ao se sentir perseguido e começa a se voltar de forma violenta contra suas filhas e sua mulher.

“Sempre que o patriarcado perde, a brutalidade governamental do Irã cresce”, disse Rasoulof, que ganhou o Urso de Ouro da Berlina-

le com “Não Há Mal Algum”, em 2020. “Filmei sob a influência de ‘Sob o Domínio do Medo’ e de ‘O Iluminado’, que falam de paranoia e flagram o pânico que se passa à nossa volta”.

Aos 52 anos, o realizador, egresso de Xiraz, precisou fugir de sua casa, e partir para o Velho Mundo, para conseguir expressar sua voz autoral pelo planisfério cinéfilo. Seu passaporte foi confiscado pelas autoridades do Irã, que o considera uma ameaça à integridade nacional. “Quando fomos para Cannes, todos os meus colegas do filme fo-

ram interpelados pela Lei e o meu ator principal, Missagh Zareh, teve que sair do Irã”, explicou o diretor, que por já ter sido trancafiado antes conhecia meios não tão legais de escapar, por rotas alternativas que o levaram à Europa. “No meu país, a repressão é um mecanismo de manutenção da ordem”.

Nesta quinta, Roterdã confere a produção espanhola que ganhou a Concha de Ouro de 2024 no Festival de San Sebastián: o ensaio documental “Tardes de Soledad”, do catalão Albert Serra. O longa assume como seu objeto de estudo dos mais indigestos para os novos tempos: a tradição da tourada. Ao seguir o dia a dia de um toureiro peruano visto como celebridade em seu ofício, Andrés Roca Rey, o realizador de cults como “A Morte de Luís XIV” (2016) combate o machismo e também a naturalização da violência contra os animais inerentes àquela tradição ibérica.

Além de “Ainda Estou Aqui”, o Brasil emplacou outros títulos em Roterdã em múltiplas frentes. Em uma de suas mostras, a Harbour, entrou o longa mineiro “Suquarana”, de Clarissa Campolina e Sérgio Borges. Há DNA nacional ainda em “¡Caigan las rosas blancas!”, de Albertina Carri, uma coprodução com a Argentina e a Espanha, escalada para a Big Screen Competition, e cercada de picardia queer. Com CEP em São Paulo, “Levante”, de Lillah Halla, já lançado em circuito, leva um debate sobre fundamentalismo e luta feminista para a mostra Education. O Brasil emplacou ainda quatro curtas nas imediações dos Países Baixos: “Quem Se Move”, de Stephanie Ricci; “Tragédia”, de Bernardo Zannotta; “Bisagras”, de Luis Arnias; e “Fale a ela o que me aconteceu”, de Pethrus Tibúrcio.

Agendado para terminar em 9 de fevereiro, após a entrega do troféu Tigre e a exibição de “This City Is a Battlefield”, da indonésia Mouly Surya, Roterdã vai enveredar pela adrenalina neste sábado com o thriller de ação “King Ivory”, de John Swab. O diretor de “Ida Red” (2021) põe James Badge Dale armado até os dentes a desafiar os cartéis da droga em Tulsa, Oklahoma.

Presidente Binoche

Às voltas com o Festival de Roterdã com a projeção do épico 'The Return', a atriz francesa vai presidir o júri do 78º Festival de Cannes, avaliando os filmes concorrentes à Palma de Ouro

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao passar pelas telas de Roterdã, nesta sexta-feira, ao lado de Ralph Fiennes em "The Return", de Uberto Pasolini, a atriz Juliette Binoche será reverenciada pelo evento holandês sob um novo status, o de presidente do júri do 78º Festival de Cannes. De 13 a 24 de maio, a estrela francesa de 60 anos vai avaliar os concorrentes à Palma de Ouro de 2025.

"Eu continuo investindo no cinema para descobrir o que não sei, para ser surpreendida", disse Juliette ao Correio da Manhã em entrevista no Festival de San Sebastián, quando brilhou nas telas da Europa com "O Sabor da Vida".

Em 2024, ela foi escalada para um outro posto de comando: presidir a Academia Europeia de Cinema. Essa entidade cuida da preservação estética e política da

produção do Velho Mundo.

"Tenho pensado muito na preservação de ecossistemas, inclusive o da memória, desde a pandemia. Acho que uma das coisas que mais me doeram no boom do coronavírus na Europa foi não poder estar livre para andar até o mar, caminhar numa praia. Isso é uma restrição que te cerceia da natureza, afetando até a minha forma de entrega aos filmes. Foi da ecologia que eu mais me aproximei no período da covid-19 e aprendi a cuidar melhor deste planeta", disse Binoche, que deve encontrar produções brasileiras em Cannes (quicá "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, e "Deus Ainda É Brasileiro", de Cacá Diegues).

Estima-se que Spike Lee esteja lá também com "Highest 2 Lowest". A leva de vozes autorais que há de caçar a Palma dourada este ano é forte. Binoche estará lá, atenta, embora com múltiplas demandas paralelas. Em cartaz na



Ulises Gutiérrez/SSIFF

Juliette Binoche vai presidir o júri de Cannes

Apple TV com "The New Look", ela não diminuiu seu ritmo de produção nas telas, mas tem muito

trabalho em seus afazeres na Academia Europeia. A tarefa honorária do cargo que ela passa a ocupar

tem um forte poder simbólico e personifica o projeto europeu de alimentar uma postura industrial autoral autossustentável. Ingmar Bergman foi o primeiro presidente da instituição, tendo sido escolhido pelos 40 membros fundadores da Academia em 1989. Wim Wenders sucedeu-lhe em 1996 e exerceu o cargo até 2020, tendo sido seguido por Holland, a primeira mulher presidente da Academia.

"Fico comovida quando as pessoas se contagiam com meu modo de trabalhar", disse Binoche, que promete arrebatar Roterdã com "The Return".

A trama filmada por Uberto Pasolini é inspirada nas reflexões de Homero. No roteiro, Odisseu (papel de Fiennes) decide voltar a seu lar depois de duas décadas de ausência. Em sua volta, muita coisa mudou em seu reino, sob o impacto da Guerra de Troia. Penélope (Binoche) será sua principal aliada.

Há novos filmes com Binoche para estrear até dezembros. Seu próximo projeto será "Camino Real", no qual vai atuar sob a direção de Ethan Hawke, seu parceiro em "A Verdade", de Hirokazu Koreeda, que abriu o Festival de Veneza de 2019.

"Na vida a gente tem que aprender com os próprios erros, encontrar nosso próprio caminho", diz Binoche. "O cinema conseguiu me mostrar a serenidade".



Divulgação

O curta 'Amei Te Ver', de Ricardo Cioni Garcia, é um dos destaques da programação

Luz, câmera, inclusão..

Bunker de resistência para o cinema autoral (sobretudo o brasileiro), o Cinesystem Botafogo adere à luta cotidiana dos PCDs (Pessoas com Deficiência) ao abrir suas telas para uma mostra dedicada ao combate do capacitismo: o In – Festival de Cinema Inclusivo.

O evento começa nesta quinta-feira (6) e segue até sábado (8),

sob a curadoria das roteiristas e documentaristas Hellen Suque e Sílvia Spolidoro.

Na programação estão os filmes, "Amei te ver", de Ricardo Cioni Garcia (curta-metragem); "Lugar de Fala", de Hellen e Sílvia (média-metragem); "Vozes da Resiliência", de Luiz Fabiano Pinheiro (curta-metragem); e "Vinicius, Vinicius", de Fran Mattoso (curta-metragem).

O evento também contará com palestras de JessyBoarg, atleta paraolímpica de natação, e Jeffinho, comediante deficiente visual, além de workshops de libras. (R.F.)

Com texto de Gillray Coutinho e direção de Leonardo Netto, a peça cria um encontro entre Aderbal Freire-Filho e Gláucio Gill durante um programa de entrevistas, numa homenagem aos dois artistas



O espetáculo recria o talk show apresentado por Gláucio Gill na TV Globo nos anos 1960

O teatro no meio da conversa

Aderbal Freire-Filho (1941-2023) foi um mestre do teatro brasileiro. Não apenas pelos mais de 60 espetáculos encenados ao longo de quase cinco décadas, mas pelo brilho singular com que transformava cada ideia em cena. Falava como quem interpreta, com gestos largos e pensamento pulsante. Esse artista vibrante retorna aos palcos no espetáculo “Show do Gláucio apresenta o teatro aberto de Aderbal”, que celebra também Gláucio Gill (1932-1965). O espetáculo faz parte da programação de reabertura do Teatro Gláucio Gill, dirigido por Rafael Raposo e mantido pela Funarj.

Com texto de Gillray Coutinho e direção de Leonardo Netto, a montagem recria um encontro fictício entre Aderbal e Gláucio. Além de dramaturgo, Gláucio foi pioneiro dos talk shows no Brasil, apresentando o “Show da Noite” na TV Globo. Em uma fatídica transmissão ao vivo, morreu aos 32 anos, vítima

de ataque cardíaco. A peça se desenrola nesse ambiente televisivo, onde Gláucio recebe Aderbal para um programa inusitado, misturando música, humor e uma conversa sobre teatro. No elenco, Ana Barroso, Carmen Frenzel, Cláudio Mendes, Marcello Escorel, Thiago Justino e Xando Graça.

“Aderbal faz muita falta ao teatro brasileiro. No espetáculo, não apenas contamos sua trajetória, mas recriamos seu jeito de ser, sua visão de mundo e seu humor”, diz o autor Gillray Coutinho, que conheceu o diretor aos 18 anos.

Cearense de Fortaleza, Aderbal se estabeleceu no Rio em

“Aderbal faz muita falta ao teatro brasileiro. No espetáculo, contamos sua trajetória e recriamos seu jeito de ser, sua visão de mundo e seu humor”

Gillray Coutinho

1970. Dirigiu peças no Brasil, na América do Sul e na Europa, assinando montagens icônicas como “Apareceu a Margarida”, “O Tiro Que Mudou a História” e “Turandot ou Congresso dos Intelectuais”. Criou um gênero teatral próprio, o “romance-em-cena”, com espetáculos como “A Mulher Carioca aos 22 Anos” e “O Púcaro Búlgaro”. Também fundou o inovador Centro de Demolição e Construção do Espetáculo e presidiu a Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais (SBAT), impondo-se como uma voz ativa na defesa dos interesses da dramaturgia nacional.

Gláucio Gill, apesar da morte

precoce, marcou o teatro e a televisão. Escreveu sucessos como “Toda Donzela Tem Um Pai que é Uma Fera” e “Procura-se uma Rosa”, que inspirou o filme italiano “Una Rosa per Tutti”. Nos anos 1960, fundou o Teatro Santa Rosa, um espaço essencial para a cena carioca.

“Aderbal e Gláucio eram inquietos, inventivos, apaixonados pelo teatro”, lembra Leonardo Netto, que trabalhou com Aderbal em seis espetáculos. “A peça é uma homenagem a eles e a tantos outros mestres que nos deixaram, como Camila Amado, Domingos Oliveira e Ney Latorraca. É um olhar afetuososobre a arte e aqueles que a fazem”, comenta Coutinho.

SERVIÇO

SHOW DO GLAUCIO APRESENTA O TEATRO ABERTO DE ADERBAL Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana) Até 28/2, de quarta a sexta-feira (20h) Ingressos: R\$ 5 e R\$ 2,50 (meia)

A língua portuguesa não morde

Demian Jacob/Divulgação

Gregório Duvivier declara seu amor às palavras em solo que arrancou rasgados elogios da crítica lusitana

Quem tem medo de poesia? Ou da língua portuguesa? Gregório Duvivier não só não tem, como quer provar que ninguém deveria ter. Para isso, usa a melhor arma que conhece: o palco. Em “O Céu da Língua”, ele transforma a palavra em espetáculo e convida o público a enxergar o que já está ali, no dia a dia: a poesia escondida nas conversas, nas gírias, nos tropeços da língua, que se revelam a nós sem que sejamos capazes de percebê-la. A peça estreou em Portugal com grande sucesso e agora chega ao Brasil, em temporada no recém-reformado Teatro Carlos Gomes.

“A poesia é um terreno minado por mal-entendidos. Às vezes, vira piada; outras, é tratada como algo hermético, inacessível”, reflete Gregório, que estudou Letras na PUC-Rio e já publicou três livros de poemas. “Mas se trocarmos os óculos de leitura, tudo muda. Essa peça é um convite para esse novo olhar.”

E parece que deu certo. Em sua passagem por Portugal, a montagem foi celebrada pela crítica. “No aniversário de 500 anos de Camões, foi um brasileiro quem roubou a cena”, escreveu Miguel Esteves Cardoso, do jornal O Público.

A direção é de Luciana Paes, parceira de Gregório no espetáculo de improviso “Portátil” e nos vídeos do Porta dos Fundos, um fenômeno de audiência no YouTube.

Mas, desta vez, não há cenário elaborado, nem grandes efeitos. O palco está nu. A música vem do contrabaixo de Pedro Aune, as imagens das projeções



Gregório Duvivier exerce no palco sua paixão exacerbada pela língua portuguesa, por suas palavras e expressões que derramam poesia em nossas vidas sem que sejamos capazes de perceber

de Theodora Duvivier, irmã do ator. O resto é só Gregório, armado de palavras afiadas e uma devoção quase religiosa pela língua. “Eu acredito no Gregório como alguém que joga ideias no mundo. E isso me move, muito mais do que qualquer rótulo”, diz Luciana, fundadora da Cia. Hiato, que agora estreia como diretora teatral.

“O Céu da Língua” está longe de ser um recital, mas também não pode ser rotulado como um stand-up. “A comédia aqui é um truque, um golpe de vista. No fundo, estamos falando de literatura”, explica Luciana. “A peça fica na esquina entre o poema e a piada”, completa Gregório.

Desde criança, ele tem obsessão pelas palavras, por seus sons, suas curvas e mistérios. No espetáculo, joga luz sobre pequenos absurdos da língua: as reformas ortográficas que matam acentos, os neologismos que se tornam chavões (disruptivo, briefing, atravessamento), os vocábulos que, só de ouvir, causam arrepio (afta, íngua, seborreia). Tudo isso vira humor, numa dança entre o erudito e o mundano.

A poesia, ele lembra, está em toda parte. Nas expressões que usamos sem pensar – batata da perna, céu da boca, pisando em ovos – e, principalmente, na música. Gregório resgata versos de Orestes Barbosa e Caetano Veloso, prova de que a palavra cantada alcançou algo que a literatura nunca conseguiu: lotar estádios. “A massa ainda há de comer o biscoito fino que fabrico”, dizia Oswald de Andrade. Mas talvez o Brasil tenha trocado o biscoito pelos acordes.

No fim, o que Gregório se propõe a mostrar é que a poesia não é bicho de sete cabeças, não está em outro plano, inalcançável. Está aqui, nas nossas bocas, nos nossos ouvidos. “Minha pátria é a língua portuguesa”, disse Fernando Pessoa. Caetano completou: “Eu não tenho pátria, eu tenho mátria e quero fratria.”

E é assim, com palavras que ressoam como música, que “O Céu da Língua” insiste em nos lembrar que, apesar de todas as diferenças, é a língua que nos une. E, se permitirmos, pode até nos fazer gargalhar.

SERVIÇO

O CÉU DA LÍNGUA

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº)

Até 24/2, quintas e sextas (19h), sábados e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

O carnaval é um parque de ideias

Projeto do cineasta Márcio Debelian recebe especialistas na maior festa popular do mundo para ministra oficinas e plastras gratuitas

O Parque de Ideias entra no clima do Carnaval em fevereiro com uma programação gratuita na Biblioteca Parque Estadual, no centro do Rio. O projeto, criado pelo cineasta Márcio Debelian, reúne três grandes especialistas para discutir diferentes aspectos da maior festa popular do Brasil: Milton Cunha, Luiz Antônio Simas e Leonardo Bruno. As atividades acontecem entre 10 e 26 de fevereiro e incluem uma oficina sobre desfiles históricos, uma aula magna sobre o carnaval carioca e uma imersão no universo dos figurinos.

Abrindo a programação, nos

dias 10 e 14 de fevereiro, das 14h às 17h, o jornalista e escritor Leonardo Bruno conduz a oficina “Os 10 Desfiles Inesquecíveis dos Últimos Tempos”. Pesquisador do Observatório do Carnaval no Museu Nacional (UFRJ) e autor de livros como “Explode, Coração: Histórias do Salgueiro” e “Cartas para Noel: Histórias da Vila Isabel”, ele relembra momentos marcantes da Sapucaí, analisando os grandes espetáculos das escolas de samba.

No dia 17 de fevereiro, das 14h às 16h30, é a vez do historiador Luiz Antônio Simas apresentar a palestra “As Culturas de Festas da Praça Onze”. Especialista em tradições brasileiras e



Divulgação

O jornalista e escritor Leonardo Bruno abre o evento com oficina sobre os maiores desfiles da história

Fundição recebe os ensaios da Orquestra Voadora

Ideias do líder indígena e ambientalista Ailton Krenak são tema do desfile do bloco em seu carnaval de rua deste ano

Instituição do carnaval de rua carioca, a Orquestra Voadora segue embalando o verão carioca com seus ensaios abertos, preparando o público para o aguardado desfile de Carnaval no dia 4 de março, no Aterro do Flamengo. Após revelar sua temática no último encontro, o bloco convida os foliões para mais um ensaio vibrante neste domingo (9), na Arena da Fundição Progresso.

Em 2025, a Orquestra Voadora desfila com o tema “Ideias para adiar o fim do mundo – O Carnaval como ferramenta criativa e

de inovação para reimaginar um futuro possível”, inspirado no pensamento do escritor e ativista indígena Ailton Krenak. A proposta vai além da celebração: transforma o Carnaval em um ato de resistência e reflexão, convidando o público a imaginar novos futuros por meio da arte e da coletividade.

A escolha do tema reafirma o papel do Carnaval como um espaço de criação e transformação. Em um mundo marcado por desafios climáticos e desigualdades, a Orquestra Voadora aposta na cultura



André Rola/Divulgação

A Orquestra Voadora promove seus ensaios na Fundição Progresso ao longo de fevereiro

como motor de mudança. O desfile será um convite para que cada folião contribua com sua voz, suas cores e

suas ideias, criando uma manifestação artística pulsante.

Mais do que um aquecimento para o grande dia, os ensaios do bloco transformam a Lapa em um verdadeiro palco de celebração. Com um repertório que passeia

autor de mais de 23 livros sobre cultura popular, Simas mergulha na história da Praça Onze, berço do samba carioca e dos primeiros desfiles. Entre suas obras, destacam-se “Dicionário da História Social do Samba”, vencedor do Prêmio Jabuti, e “Samba de Enredo: História e Arte”.

Encerrando a programação, no dia 26 de fevereiro, das 10h às 12h, Milton Cunha ministra a aula “Figurinos de Carnaval”. Doutor em Letras pela UFRJ e com pós-doutorado em História da Arte, Milton é referência na cenografia carnavalesca e um dos comentaristas mais reconhecidos da festa. A palestra revela o processo criativo dos figurinos e os bastidores dessa arte espetacular.

SERVIÇO

PARQUE DE IDEIAS - EDIÇÃO DE CARNAVAL
Biblioteca Parque Estadual (Av. Pres. Vargas, 1261 - Centro)
De 10 a 26/2
Programação completa e inscrições: <https://linktr.ee/parqued>
Grátis

por clássicos da música brasileira e internacional, performances de sopro e percussão e a participação de pernaltas e artistas circenses, cada apresentação se torna um espetáculo único.

Já consolidada como um dos blocos mais esperados do Carnaval carioca, a Voadora reúne milhares de pessoas em seus desfiles. Nos ensaios abertos, o público tem a chance de sentir de perto a energia contagiante do bloco e acompanhar os preparativos de seu desfile.

SERVIÇO

ENSAIO ABERTO DA ORQUESTRA VOADORA
Fundição Progresso (Rua dos Arcos, 24 - Lapa)
De 9 a 23/2, aos domingos (16h às 21h)
Ingressos: das 16h às 18h (gratuito mediante retirada prévia no link <https://11nq.com/tOUly>) | das 18h às 21h (R\$ 40 e R\$ 20, meia)